

Millenium, 2(2), 57-67.

PARENTING SCALE SELF-TEST: ESTUDO DA ESTRUTURA FATORIAL

PARENTING SCALE SELF-TEST: STUDY OF PSYCHOMETRIC PROPERTIES

PARENTING SCALE SELF TEST: ESTUDIO DE LA ESTRUCTURA FACTORIAL

Ana Paula Matos^{1,2}
José Joaquim Costa¹
Maria Rosário Pinheiro^{1,2}
Eliana Silva¹
Cristiana Marques¹

¹Universidade de Coimbra, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal

²Centro de Investigação do Núcleo de Estudos e Intervenção Cognitivo-Comportamental, FPCEUC, Coimbra, Portugal

Ana Paula Matos - apmatos@fpce.uc.pt | José Joaquim Costa - jjcosta@fpce.uc.pt | Maria Rosário Pinheiro - mrpinheiro@fpce.uc.pt | Eliana Silva - eliana92silva@gmail.com | Cristiana Marques - cristiana.c.marques@hotmail.com

Autor Correspondente

Ana Paula Matos

Universidade de Coimbra, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, R. Colégio Novo 10A, 3001-802 Coimbra, Portugal.
apmatos@fpce.uc.pt

RECEBIDO: 25 de novembro de 2016

ACEITE: 12 de janeiro de 2017

RESUMO

Introdução: A Parenting Scale Self Test de Gottman e Declaire (1997) avalia o que os pais pensam sobre as emoções e a forma como lhes reagem e pretende determinar a forma pelo qual os pais ensinam os seus filhos a reconhecer, a expressar e a lidar com as emoções.

Objetivo: O objetivo deste estudo é avaliar as propriedades psicométricas da PSST, nomeadamente a estrutura fatorial e a consistência interna.

Métodos: A amostra consistiu em 355 pais (65.07% do género feminino e 34.93% do género masculino), cujos filhos adolescentes têm idades compreendidas entre os 14 e os 20 anos. A natureza do presente estudo é quantitativa, analítica e transversal. Foi realizada uma análise fatorial exploratória através do método de componentes principais com rotação direct oblimin.

Resultados: A estrutura da escala revelou-se diferente da original, apresentando 3 fatores relativos aos estilos parentais face às emoções: fator 1- estilo reprovador (explica 13.75% da variância total); fator 2 - estilo explorador (explica 11.41% da variância total) e fator 3 - estilo aceitador (explica 6.27% variância total). A consistência interna da escala revelou valores de alfa de .87, .85 e .70, respetivamente.

Conclusões: Esta investigação constitui um passo inicial no estudo e na adaptação das propriedades psicométricas da PSST numa amostra da população portuguesa, e é um importante contributo para futuras investigações e prática clínica.

Palavras-chave: Estrutura fatorial; Parenting Scale Self-Test; Estilos parentais; Adolescentes

ABSTRACT

Introduction: The Parenting Scale Self-Test (Gottman & Declaire, 1997) evaluates what parents think about emotions and the way they react to them. It also tries to determine the ways by which the parents teach their children to recognize, express and deal with emotions.

Objective: The aim of this study is to evaluate some psychometric properties of PSST, namely its factorial structure and internal consistency.

Methods: The sample consisted of 335 parents (65.07% female and 34.93% male) whose children are between 14 and 20 years of age. The nature of the present study is quantitative, analytical and cross-sectional. An exploratory factorial analysis was conducted using the principal components method with direct oblimin rotation.

Results: The structure of the scale changed from the original, presenting in the Portuguese sample three parenting styles towards emotions: 1st factor – disapproving style (explaining 13.75% of total variance); 2nd factor – explorer style (explaining 11.41% of total variance) and 3rd factor – accepting style (explaining 6.72% of total variance). The internal consistency of the scale showed alpha values of .87, .85 and .70, respectively.

Conclusions: This research constitutes an initial step in the study and adaptation of the psychometric properties of the PSST in a sample of the Portuguese population, and is an important contribution for future research and clinical practice.

Keywords: Factorial structure, Parenting Scale Self-Test; Parenting styles; Adolescents

RESUMEN

Introducción: La Parenting Scale Self Test de Gottman y Declaire (1997) evalúa lo que los padres piensan acerca de las emociones y cómo reaccionan a ellas, y que pretende determinar la forma en que los padres enseñan a sus hijos a reconocer, expresar y hacer frente a las emociones.

Objetivo: El objetivo del presente estudio es evaluar algunas propiedades psicométricas de la PSST: la estructura factorial y consistencia interna.

Métodos: La muestra consistió en 355 padres (65,07% mujeres y 34,93% hombres), cuyos hijos adolescentes tienen edades comprendidas entre los 14 y los 20 años. La naturaleza de este estudio es cuantitativo, analítico y transversal. Un análisis factorial exploratorio se realizó mediante el método de componentes principales con rotación oblimín directo.

Resultados: La estructura de la escala demostró ser diferente de la original, con 3 factores relacionados con los estilos parentales ante de las emociones: factor 1 - estilo reprovador (explica 13.75% de la varianza total); factor 2 - estilo explorador (explica 11.41% de la varianza total) y factor 3 - estilo aceptador (explica 6.27% de la varianza total). La consistencia interna de la escala reveló respectivamente valores alfa de .87, .85 y .70.

Conclusiones: Esta investigación es un primer paso en el estudio y en la adaptación de las propiedades psicométricas de la PSST en un muestra de la población portuguesa, y es una contribución importante para la futura investigación y la práctica clínica.

Palabras clave: Estructura factorial; Parenting Scale Self Test; Estilos parentales; Adolescentes

INTRODUÇÃO

A partir da investigação acerca das relações entre pais e filhos e do desenvolvimento de capacidades de regulação emocional nos filhos, Gottman, Katz, e Hooven, (1996) desenvolveram a teoria da meta-emoção, que defende que os estilos de socialização emocional dos pais se relacionam com a sua filosofia meta-emocional. O conceito de filosofia parental meta-emocional diz respeito ao “conjunto organizado de sentimentos e de pensamentos que os pais têm sobre as suas emoções e as dos seus filhos” (Gottman et al., 1996, p. 243), sendo que cada filosofia meta-emocional resulta em estilos parentais de socialização emocional distintos.

A Parenting Scale Self-Test foi construída a partir deste modelo teórico que evidencia que a forma como os pais pensam e reagem à própria experiência emocional negativa determina as atitudes que terão perante as emoções negativas dos filhos e que estas, por sua vez, têm repercussões nas capacidades de regulação emocional dos filhos, bem como noutras áreas de vida, nomeadamente relações interpessoais e desempenho académico.

Assim, estudar as propriedades psicométricas da PSST permite adaptar/validar um instrumento de avaliação dos estilos parentais de socialização emocional e perceber os efeitos que estes têm no ajustamento e nas competências dos filhos. Na presente investigação, os autores estudam algumas das principais características psicométricas da PSST, nomeadamente a sua estrutura fatorial e consistência interna.

1. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

A entrevista estruturada sobre meta-emoção para pais (Katz & Gottman, 1986) constitui o principal instrumento de medida das filosofias meta-emocionais. Com base no estudo desta entrevista, Gottman e Declaire (1997) propõem quatro estilos parentais relacionados com as emoções: treinador de emoções, *laissez-faire*, desvalorizador e desaprovador.

O estilo parental treinador de emoções caracteriza-se pela aceitação da expressão emocional dos filhos. Os pais empatizam e validam as suas emoções, e ensinam-nos a identificar o que estão a sentir e a expressar as emoções de forma adequada. O estilo parental *laissez-faire* também se caracteriza pela aceitação e validação da experiência emocional. Porém, ao contrário do que acontece com o estilo treinador de emoções, os pais não estabelecem limites ao comportamento e não orientam na regulação de experiências emocionais intensas. Pais com um estilo parental desvalorizador consideram que a experiência emocional negativa dos filhos é irracional, pelo que não a consideram importante. Assim, não aceitam das emoções negativas dos filhos tendendo a trivializa-las e a ignora-las ao invés de se focarem no significado das emoções e de promoverem a discussão das mesmas. Também caracterizado pela não-aceitação das emoções negativas nos filhos, o estilo desaprovador rejeita a expressão emocional, o que se traduz na crítica, julgamento, repreensão ou castigo dos filhos. Estes pais consideram que as emoções negativas devem ser controladas e que são um sinal de fraqueza.

A teoria da meta-emoção sugere que as filosofias meta-emocionais dos pais influenciam as capacidades de regulação emocional dos filhos, bem como os seus resultados. Gottman et al. (1996) verificaram que filhos de pais com um estilo treinador de emoções têm menos doenças, uma maior capacidade de regulação emocional, melhor desempenho escolar e relações mais positivas com os pais.

A partir da entrevista estruturada sobre meta-emoção para pais (Katz & Gottman, 1986), Gottman e Declaire (1997) desenvolveram a Parenting Styles Self-Test (PSST), um instrumento de autorresposta que avalia de que modo os pais pensam as emoções tristeza e raiva e como reagem. O seu objetivo é avaliar os estilos parentais de socialização emocional. Apesar da sua investigação apenas ter estudado o papel dos estilos de socialização emocional parental em filhos com idades compreendidas entre os 4 e os 5 anos, a PSST foi sugerida também para pais com filhos adolescentes. Os autores da escala não a estudaram psicometricamente, embora tenham surgido estudos posteriores.

Lee (1999) foi o primeiro autor a estudar as propriedades psicométricas da PSST, numa amostra de 89 mães e 11 pais. Na primeira passagem da escala os valores de *alfa* de Cronbach foram de .33 (*laissez-faire*), .62 (treinador de emoções), .76 (desvalorizador) e .81 (desaprovador) e na segunda passagem de .54, .54, .83 e .87, respetivamente. Neste estudo, o estilo parental treinador de emoções representou o estilo parental predominante em 91 dos 100 participantes na primeira passagem da escala. Deste modo, a autora sugeriu a existência de duas dimensões subjacentes aos estilos parentais propostos por Gottman e Declaire (1997). As dimensões propostas são de aprovação/desaprovação da expressão emocional e de resposta ativa/passiva que a expressão emocional gera. Enquanto os estilos parentais desvalorizador e desaprovador constituiriam uma forma de desaprovação de

emoções, os estilos parentais *laissez-faire* e treinador de emoções traduziriam a sua aprovação. Relativamente à resposta, os estilos desvalorizador e *laissez-faire* caracterizar-se-iam por serem uma resposta passiva e os estilos desaprovador e treinador de emoções uma resposta ativa. Numa avaliação qualitativa acerca da escala 25% dos participantes criticaram o formato de resposta dicotómica por restringir a possibilidade de respostas.

Posteriormente, Hakim-Larson, Parker, Lee, Goodwin e Voelker (2006), numa amostra de 21 mães e 10 pais, tendo em consideração o feedback dos participantes do estudo de Lee (1999), alteraram o formato de resposta para uma escala do tipo Likert, variando esta entre 1 (sempre falso) e 5 (sempre verdadeiro). Assim modificaram o nome da escala para *Emotion-Related Parenting Styles Self-Test-Likert* (ERPSST-L) e verificaram que a consistência interna da escala era aceitável, obtendo valores de *alfa* de .72 (*laissez-faire* e desvalorizador), .82 (treinador de emoções) e .91 (desaprovador).

Em 2012, Paterson et al. conduziram uma análise fatorial exploratória da ERPSST-L através da extração *principal axis factor* com rotação *direct oblimumini* em duas amostras de 107 mães: uma cujos filhos não tinham dificuldades desenvolvimentais e outra em que as apresentavam (e.g. dificuldades de aprendizagem). Nas duas amostras verificou-se a existência de 3 fatores comuns: treinador de emoções, rejeição parental de emoções negativas e aceitação parental de emoções positivas. Na amostra de filhos sem dificuldades desenvolvimentais a solução fatorial, com 34 itens, explicou 42.5% da variância total. Na amostra com dificuldades desenvolvimentais a escala apresentou um fator adicional, cujo conteúdo se refere a sentimentos de incerteza/ineficácia na socialização de emoções. Os quatro fatores desta solução fatorial incluíram 32 itens e explicaram 47% da variância total. Após este estudo foi apresentada uma versão breve da ERPSST-L constituída por 20 itens distribuídos por 4 fatores: treinador de emoções, rejeição parental de emoções negativas, aceitação parental de emoções positivas e sentimentos de incerteza/ineficácia na socialização de emoções. Cada fator incluiu os 5 itens que apresentavam saturações fatoriais mais elevadas em ambas as amostras, variando estas entre .91 e .30. De notar que os itens correspondentes aos estilos parentais desvalorizador e desaprovador da escala original convergiram num mesmo fator (rejeição parental de emoções negativas), e apenas dois itens relativos ao estilo parental *laissez-faire* da escala original foram mantidos. Os valores de consistência interna da escala final variaram entre .70 e .79. na amostra sem dificuldades desenvolvimentais e entre .76 e .81. na amostra com dificuldades desenvolvimentais.

A investigação acerca da influência dos estilos de socialização emocional propostos por Gottman e Declaire (1997) tem sido realizada sobretudo com pais com filhos crianças (Gottman et al., 1996; Katz & Windecker-Nelson, 2004; Katz & Windecker-Nelson, 2006). Porém, alguns estudos começam a mostrar que a filosofia meta-emocional dos pais se relaciona com a experiência emocional dos filhos adolescentes. Adolescentes cujas mães têm um estilo de socialização treinador de emoções mostraram ter uma auto-estima mais elevada e menos comportamentos agressivos, assim como menor humor disfórico em comparação com os filhos cujas mães têm uma filosofia meta emocional desvalorizadora (Katz e Hunter, 2007). Stocker et al. (2007) também encontraram que a filosofia meta-emocional treinador de emoções se relaciona com menor sintomatologia internalizante nos filhos. Quando as mães aceitam e guiam os filhos adolescentes quando estes expressam a emoção raiva, os adolescentes apresentaram uma melhor capacidade de regulação desta emoção e menos comportamentos externalizantes (Shortt, Stoolmiller, Smith-Shine, Eddy, & Sheeber, 2010).

Apenas se encontrou uma investigação (Gupta, 2012) que utilizou como instrumento de medida a escala original de resposta dicotómica. Nesta investigação apenas foram utilizados os fatores treinador de emoção e desvalorizador os quais obtiveram, respetivamente, valores de consistência interna de .71 e de .80. Verificou-se ainda que outros estudos recorreram à versão da PSST em formato de resposta *Likert* (Hakim-Larson et al., 2006) e à versão reduzida da escala de Paterson et al. (2012), ou que utilizaram outros instrumentos de medida, como a entrevista estruturada sobre meta-emoção parental (*Parent Meta-Emotion Interview*; Katz & Gottman, 1986), o questionário de estilos emocionais maternos (*Maternal Emotional Styles Questionnaire*; Lagacé-Séguin & Coplan, 2005), que foi adaptado da entrevista de meta-emoção revista de Katz e Gottman (1999), a escala que avalia a forma como os pais lidam com a experiência emocional negativa das crianças (*Coping with Children Negative Emotions*, Fabes, Poulin, Eisenberg, & Madden-Derdich, 2002), e o teste de afeto dos pais (*Parent Affect Test*; Linehan, Paul, & Egan, 1983).

O objetivo deste estudo é o de examinar algumas propriedades psicométricas da PSST (Gottman & Declaire, 1997). Pretende-se estudar a estrutura fatorial e a consistência interna da escala numa amostra de pais com filhos adolescentes em Portugal.

2. MÉTODOS

Desenvolveu-se um estudo quantitativo, analítico e transversal.

2.1 Amostra

A amostra do presente estudo foi constituída por 355 pais, 231 mães (65.07%) e 124 pais (34.93%). As suas idades variaram entre os 33 e os 60 anos ($M= 45.57$; $DP= 4.31$), verificando-se que as idades não apresentaram diferenças significativas tendo em conta o género ($t_{(345)}= -.709$, $p= .479$). Relativamente aos filhos, 58.7% eram do género feminino (202 raparigas) e 41.3% do género

masculino (142 rapazes). As idades dos filhos variaram entre os 14 e os 20 anos (M= 16.23; DP= 1.66), verificando-se que as raparigas (M= 16.43, DP= 1.63) eram ligeiramente mais velhas ($t_{(341)} = 2.53$, $p = .012$) do que os rapazes (M= 15.97, DP= 1.68). A maioria dos filhos (92.09%) tinha idades compreendidas entre os 14 e os 18 anos.

2.2 Instrumentos de recolha de dados

A PSST (*Parenting Styles Self-Test*) é um instrumento de autorresposta que pretende avaliar o estilo parental de socialização emocional baseado na teoria da filosofia meta-emocional de Gottman e Declaire (1997).

O instrumento é composto por 81 itens, correspondendo 23 itens ao estilo emocional treinador de emoções, 10 itens ao *laissez-faire*, 25 itens ao desvalorizador e 23 itens ao desaprovador. O formato de resposta é dicotómico (Verdadeiro/Falso), sendo que os itens assinalados com V (verdadeiro) são pontuados com 1. Estas pontuações são somadas em cada fator e divididas pelo nº de itens do fator correspondente. O resultado mais elevado corresponde ao estilo parental predominante do progenitor que responde.

2.4 Procedimentos

A Comissão Nacional de Proteção de Dados e o Comité de Ética da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra aprovaram este estudo.

A amostra deste estudo foi recolhida por alunos do curso de Psicologia como parte de uma tarefa não obrigatória incluída numa unidade curricular. O critério de seleção destes alunos requeria que tivessem uma de idade máxima de 20 anos ou pais que tivessem outro filho com idades compreendidas entre os 14 e os 20 anos. Também se recorreu a alunos de escolas privadas de inglês e a movimentos juvenis, que tivessem jovens na faixa etária referida. O protocolo de avaliação dos pais era entregue aos alunos num envelope, no qual se encontrava também uma carta explicativa acerca dos objetivos da investigação e com a indicação de devolverem o envelope selado aos filhos após o preenchimento do protocolo. Posteriormente, os envelopes eram recolhidos pelos investigadores nas escolas ou sede dos movimentos.

Para estudar as propriedades psicométricas da PSST recorreu-se ao *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS), versão 22.0 para *Windows*. Executou-se uma Análise Fatorial Exploratória, recorrendo-se à Análise em Componentes Principais seguida de rotação oblíqua (*direct oblimin*). A retenção dos fatores foi efetuada tendo em conta a análise do *scree plot* e o critério de Kaiser (valores próprios superiores a 1). O critério utilizado relativamente às saturações fatoriais foi o de Tabachnick e Fidell (2013) que consideram que valores superiores ou iguais a .32 constituem o valor mínimo para que um item possa ser interpretado num determinado fator. Estudou-se a fiabilidade da escala por meio do alfa de *Cronbach*. Analisou-se a magnitude das correlações de cada item com o total da escala.

3. RESULTADOS

A Análise de Componentes Principais com rotação *direct oblimin* resultou na extração de 25 fatores, porém a distribuição dos itens não fazia sentido teoricamente. Deste modo, de acordo com a estrutura proposta por Gottman & Declaire (1997), forçou-se a escala à extração de 4 fatores que explicava 27.37% da variância total, mas não era interpretável teoricamente. De acordo com a hipótese de Lee (1999) de que os estilos parentais poderiam representar duas dimensões, forçou-se uma solução com dois fatores. Porém, esta não se revelou exequível, uma vez que explicava apenas 18.86% da variância total da escala. Exploraram-se ainda soluções fatoriais de acordo com os critérios utilizados por Paterson et al. (2012), porém a consistência interna dos fatores extraídos revelava-se mais baixa (entre .66 e .82) do que as da solução que é apresentada. Na solução forçada à extração de 4 fatores verificava-se no *scree plot* uma grande inflexão do fator 3 para o fator 4. Explorou-se assim uma solução forçada a 3 fatores que apesar de explicar apenas 23.90% da variância total, apresentou um padrão lógico na distribuição dos itens.

As saturações fatoriais de 25 itens encontravam-se abaixo de .32, pelo que se procedeu à sua eliminação (8 itens que originalmente pertenciam ao estilo parental desvalorizador; 7 itens que pertenciam ao desaprovador; 6 itens que pertenciam ao *laissez-faire*; 4 itens que pertenciam ao treinador de emoções). Após concluído este procedimento, eliminaram-se 8 itens que saturavam em fatores que não fazia sentido teoricamente. Depois de retirados estes itens, a solução final explica 31.43% da variância total e apresenta saturações fatoriais entre .35 e .77. Foram encontrados 3 fatores: fator 1- estilo reprovador (explica 13.75% da variância total e representa a junção dos estilos parentais desvalorizador e desaprovador da escala original.), fator 2 - estilo explorador (explica 11.41% da variância total) e fator 3 - estilo aceitador (explica 6.27% variância total). Os itens que compõem o fator 2 e 3 são originários do estilo parental treinador de emoções, pelo que nenhum dos fatores apresenta itens relativos ao estilo parental *laissez-faire*.

Tabela 1. Pesos fatoriais e Comunalidades (h²) (N = 355)

Itens	F1	F2	F3	h ²
F1. Estilo reprovador				
48. Os miúdos zangam-se para levar a sua avante.	.66			.43
50. Se deixarmos que os miúdos se zanguem, vão pensar que podem levar sempre a sua vontade avante.	.63			.40
47. Se permitirmos à criança que expresse ira (raiva) ela desenvolverá um mau génio/ ficará uma pessoa embirrenta.	.62			.43
3. As crianças que agem como se estivessem tristes, usualmente estão a tentar que os adultos sintam pena delas.	.55			.31
68. Quando o meu filho está zangado, penso: "Porque é que ele não aceita as coisas como elas são?".	.55			.32
11. As crianças agem como se estivessem tristes para levar a sua avante.	.53			.29
45. Não penso que seja correto uma criança mostrar ira (raiva ou que está zangado).	.52			.33
49. Quando o meu filho fica zangado, fico preocupado com a possibilidade de vir a ter tendências destrutivas.	.50			.30
82. Crianças birrentas (raivosas) tornam-se desrespeitadoras.	.49			.26
22. Quando o meu filho age com tristeza, é para obter atenção.	.47			.31
19. Penso que quando os miúdos estão tristes, é porque sobrevalorizaram as coisas negativas da vida.	.46			.23
27. As crianças têm poucos motivos para ficarem zangadas.	.46			.25
67. Quando o meu filho está zangado, eu penso: "Se ele ao menos aprendesse com os socos da vida?".	.46			.28
60. A ira (raiva ou zanga) não serve para nada.	.45			.31
40. Quando o meu filho fica triste, eu chamo-lhe a atenção para que ele não se torne numa má pessoa.	.44			.26
1. As crianças têm muito poucas razões para estarem tristes.	.43			.20
13. A tristeza é o tipo de coisa que se deve ultrapassar, esconder, e não perder muito tempo com isso.	.43			.25
32. A infância é uma fase de divertimento e alegria, não um tempo para sentir se sentir tristeza ou ira (raiva ou zanga).	.43			.22
24. A ira (raiva ou zanga) das crianças, advém da sua falta de compreensão e imaturidade.	.41			.20
46. As pessoas raivosas estão fora de controlo.	.41			.20
55. Quando o meu filho fica zangado, penso que é altura para levar uma palmada.	.41			.20
9. Quando se ignora a tristeza de uma criança ela tende a desaparecer e a criança retoma a sua vida.	.40			.22
41. Quando o meu filho está triste fico preocupado com a possibilidade dele desenvolver uma personalidade negativista/ pessimista.	.39			.19
59. Quando estou zangado, sinto que vou explodir.	.39			.20
66. Quando o meu filho fica zangado comigo, eu penso: "Não quero escutar isto".	.39			.20
58. Quando o meu filho se zanga, usualmente não levo isso a sério.	.38			.19
53. A ira (raiva ou zanga) tende a deturpar o meu julgamento e faço coisas de que me arrependo.	.37			.24
14. Eu não me importo em ter que lidar com a tristeza de uma criança, desde que ela não dure muito tempo.	.36			.15
56. Quando o meu filho fica zangado, o meu objetivo é conseguir que pare.	.35			.22
F2. Estilo explorador				
34. Quando o meu filho está triste, ajudo-o a descobrir as razões desse sentimento.		.77		.58
31. O mais importante é perceber o porquê da criança se sentir triste.		.72		.52
28. Quando o meu filho está triste tento ajudá-lo a explorar o que o levou a ficar assim.		.71		.50
29. Quando o meu filho está triste, mostro-lhe que compreendo o que está a sentir.		.68		.47
43. Quando o meu filho está zangado, tento compreender o que está a sentir.		.68		.48
65. É importante ajudar a criança a descobrir o que lhe causou ira (raiva ou zanga).		.67		.45
39. O mais importante é perceber o porquê da criança se sentir zangada.		.66		.43
71. Quando o meu filho está zangado, quero saber no que ele está a pensar.		.65		.44
64. Quando o meu filho "perde a cabeça", tento perceber o que o fez ficar tão zangado.		.61		.39
33. Quando o meu filho está triste, sentamo-nos os dois para falarmos acerca disso.		.60		.37
23. Quando o meu filho está zangado (com raiva ou ira) vale a pena explorar o que está a sentir.		.37		.17

Itens	F1	F2	F3	h2
F3. Estilo aceitador				
37. Eu quero que o meu filho tenha a experiência da ira (raiva ou zanga) ou do que é estar zangado (raivoso).			.68	.49
69. Quero que o meu filho se zangue para aprender a se defender.			.59	.36
26. Quando o meu filho está triste, é uma oportunidade para me aproximar dele.			.57	.38
38. Eu penso que é bom para os miúdos por vezes se sentirem zangados.			.57	.33
35. Quando o meu filho está zangado, é uma oportunidade para ficarmos mais próximos.			.55	.34
30. Eu quero que o meu filho tenha a experiência de tristeza ou do que é estar triste.			.53	.29
62. A ira (raiva) da criança é importante.			.43	.31
54. Quando o meu filho está zangado, é altura para resolver os problemas.			.38	.21

A análise da correlação dos fatores da PSST revelou que o estilo reprovador se relaciona negativamente com os estilos explorador e aceitador de emoções, e que estes dois estilos se relacionam positivamente entre si (cf. Tabela 2).

Tabela 2. Valores do r de Pearson entre os fatores da PSST

	Estilo reprovador	Estilo explorador
Estilo reprovador	1	
Estilo explorador	-.02	1
Estilo aceitador	-.05	.13*

Nota. $p = .012$

Estudaram-se as propriedades dos itens através das médias e desvios-padrão do item, de correlações item-total e do valor do α de Cronbach quando esse item é eliminado. As correlações item-total encontraram-se acima de .20, variando as mesmas entre .26 e .70 (cf. Tabela 3).

A consistência interna da escala, avaliada através do cálculo do alfa de Cronbach, revelou bons valores de alfa no fator 1 (.87) e no fator 2 (.85), e um valor razoável para o fator 3 (.71) (cf. Tabela 3).

Tabela 3. Médias (M) e Desvios-padrão (DP), Correlações Item-total (r), Alfa de Cronbach quando o item é eliminado (α), e Alfa de Cronbach dos fatores

Itens	M	DP	r	α
F1. Estilo reprovador ($\alpha = .87$)				
48. Os miúdos zangam-se para levar a sua avante.	.45	.50	.58	.86
50. Se deixarmos que os miúdos se zanguem, vão pensar que podem levar sempre a sua vontade avante.	.32	.47	.55	.86
47. Se permitirmos à criança que expresse ira (raiva) ela desenvolverá um mau génio/ ficará uma pessoa embirrenta.	.33	.47	.54	.86
3. As crianças que agem como se estivessem tristes, usualmente estão a tentar que os adultos sintam pena delas.	.41	.49	.49	.86
68. Quando o meu filho está zangado, penso: "Porque é que ele não aceita as coisas como elas são?"	.43	.50	.48	.86
11. As crianças agem como se estivessem tristes para levar a sua avante.	.42	.50	.47	.86
45. Não penso que seja correto uma criança mostrar ira (raiva ou que está zangado).	.31	.46	.45	.86
49. Quando o meu filho fica zangado, fico preocupado com a possibilidade de vir a ter tendências destrutivas.	.33	.47	.43	.86
82. Crianças birrentas (raivosas) tornam-se desrespeitadoras.	.52	.50	.42	.86
22. Quando o meu filho age com tristeza, é para obter atenção.	.21	.40	.42	.86
19. Penso que quando os miúdos estão tristes, é porque sobreevalorizaram as coisas negativas da vida.	.45	.50	.40	.86
27. As crianças têm poucos motivos para ficarem zangadas.	.39	.49	.42	.86
67. Quando o meu filho está zangado, eu penso: "Se ele ao menos aprendesse com os socos da vida?"	.46	.50	.39	.86
60. A ira (raiva ou zanga) não serve para nada.	.58	.49	.39	.86
40. Quando o meu filho fica triste, eu chamo-lhe a atenção para que ele não se torne numa má pessoa.	.55	.50	.37	.87
1. As crianças têm muito poucas razões para estarem tristes.	.49	.50	.37	.87
13. A tristeza é o tipo de coisa que se deve ultrapassar, esconder, e não perder muito tempo com isso.	.21	.41	.37	.87
32. A infância é uma fase de divertimento e alegria, não um tempo para sentir se sentir tristeza ou ira (raiva ou zanga).	.74	.44	.38	.87
24. A ira (raiva ou zanga) das crianças, advém da sua falta de compreensão e imaturidade.	.43	.50	.35	.87
46. As pessoas raivosas estão fora de controlo.	.49	.50	.36	.87
55. Quando o meu filho fica zangado, penso que é altura para levar uma palmada.	.22	.42	.36	.87
9. Quando se ignora a tristeza de uma criança ela tende a desaparecer e a criança retoma a sua vida.	.18	.39	.36	.87
41. Quando o meu filho está triste fico preocupado com a possibilidade dele desenvolver uma personalidade negativista/				

Itens	M	DP	r	α
F1. Estilo reprovador ($\alpha = .87$)				
pessimista.	.62	.49	.34	.87
59. Quando estou zangado, sinto que vou explodir.	.46	.50	.34	.87
66. Quando o meu filho fica zangado comigo, eu penso: "Não quero escutar isto".	.21	.41	.34	.87
58. Quando o meu filho se zanga, usualmente não levo isso a sério.	.35	.48	.34	.87
53. A ira (raiva ou zanga) tende a deturpar o meu julgamento e faço coisas de que me arrependo.	.59	.49	.32	.87
14. Eu não me importo em ter que lidar com a tristeza de uma criança, desde que ela não dure muito tempo.	.37	.49	.31	.87
56. Quando o meu filho fica zangado, o meu objetivo é conseguir que pare.	.70	.46	.31	.87
F2. Estilo explorador ($\alpha = .85$)				
34. Quando o meu filho está triste, ajudo-o a descobrir as razões desse sentimento.	.89	.32	.71	.82
31. O mais importante é perceber o porquê da criança se sentir triste.	.95	.23	.62	.83
28. Quando o meu filho está triste tento ajudá-lo a explorar o que o levou a ficar assim.	.95	.23	.62	.83
29. Quando o meu filho está triste, mostro-lhe que compreendo o que está a sentir.	.93	.26	.60	.83
43. Quando o meu filho está zangado, tento compreender o que está a sentir.	.92	.27	.59	.83
65. É importante ajudar a criança a descobrir o que lhe causou ira (raiva ou zanga).	.96	.19	.56	.84
39. O mais importante é perceber o porquê da criança se sentir zangada.	.91	.29	.55	.83
71. Quando o meu filho está zangado, quero saber no que ele está a pensar.	.90	.31	.58	.83
64. Quando o meu filho "perde a cabeça", tento perceber o que o fez ficar tão zangado.	.91	.28	.51	.84
33. Quando o meu filho está triste, sentamo-nos os dois para falarmos acerca disso.	.86	.35	.51	.84
23. Quando o meu filho está zangado (com raiva ou ira) vale a pena explorar o que está a sentir.	.75	.43	.31	.87
F3. Estilo aceitador ($\alpha = .71$)				
37. Eu quero que o meu filho tenha a experiência da ira (raiva ou zanga) ou do que é estar zangado (raivoso).	.34	.48	.55	.64
69. Quero que o meu filho se zangue para aprender a se defender.	.42	.49	.38	.68
26. Quando o meu filho está triste, é uma oportunidade para me aproximar dele.	.57	.50	.46	.66
38. Eu penso que é bom para os miúdos por vezes se sentirem zangados.	.62	.49	.43	.67
35. Quando o meu filho está zangado, é uma oportunidade para ficarmos mais próximos.	.46	.50	.41	.68
30. Eu quero que o meu filho tenha a experiência de tristeza ou do que é estar triste.	.58	.49	.43	.67
62. A ira (raiva) da criança é importante.	.53	.50	.26	.71
54. Quando o meu filho está zangado, é altura para resolver os problemas.	.48	.50	.27	.71

As diferenças de género quanto aos estilos parentais adotados pelos pais de ambos os géneros foram estudadas através de testes t de Student. Verificou-se que não existiram diferenças significativas nos estilos reprovador e aceitador. Quanto ao estilo explorador encontraram-se diferenças significativas, apresentando as mães valores mais elevados do que os pais. Tabela 4).

Table 4. Diferenças entre género nos três fatores da PSST

	Mães (n = 231)		Pais (n = 124)		t	p	d
	M	DP	M	DP			
Estilo reprovador	.43	.22	.41	.23	.59	.58	.00
Estilo explorador	.93	.15	.85	.23	3.43	.001	.03
Estilo aceitador	.49	.28	.53	.29	-1.20	.23	.00

4. DISCUSSÃO

A Análise Fatorial Exploratória revelou uma estrutura distinta da escala original, sendo constituída a versão portuguesa da PSST por três fatores.

O primeiro fator, estilo reprovador, representa um estilo parental que não aceita e que rejeita as emoções negativas nos filhos. O segundo fator, estilo explorador de emoções, caracteriza-se pela tentativa de descobrir o que desencadeou a experiência emocional negativa. Assim, a experiência emocional negativa não é criticada, mas os pais não parecem adotar comportamentos que ensinem estratégias de regulação emocional de modo a facilitar a compreensão da experiência de emocionalidade negativa, limitando-se apenas a explorar as suas causas. O terceiro fator, estilo aceitador, encara as emoções negativas como naturais e positivas para o desenvolvimento, bem como uma oportunidade para o estabelecimento de proximidade com os filhos. Porém, não fica explícita a forma como os pais aproveitam essa oportunidade.

No que concerne às características psicométricas da versão portuguesa da PSST, os três fatores explicaram 31.43% da variância total. O estilo reprovador explicou 13.75% da variância total e é composto por 29 itens, o estilo explorador apresenta 11 itens e explica 11.41% da variância total, e o estilo aceitador contém 8 itens e explica 6.27% da variância total. Os itens apresentam

boas correlações item-total, acima de .26, e distribuem-se segundo um padrão teórico congruente nos diversos fatores. Dois fatores apresentam bons valores de consistência interna (estilo reprovador: $\alpha = .87$; estilo explorador: $\alpha = .85$), mas o estilo aceitador não apresentou valores tão elevados ($\alpha = .71$).

No que respeita à associação entre os fatores, encontrou-se uma associação negativa entre o estilo parental reprovador de emoções e os estilos parentais explorador e aceitador de emoções, sugerindo que os pais que se descrevem como reprovadores não revêm em si as características dos estilos explorador ou aceitador. Por outro lado, estes dois últimos fatores estão associados positiva e significativamente, sugerindo que quando se obtém pontuação elevada num, obtém-se pontuação elevada noutra. Esta associação é adequada teoricamente, já que ambos os fatores pressupõem a aceitação da experiência de emoções negativas e parecem constituir estilos de socialização emocional que visam ajudar os filhos a lidar com as suas emoções negativas.

À semelhança do que aconteceu em estudos prévios (Lee, 1999; Paterson et al., 2012), os fatores desvalorizador e reprovador da escala original aglutinaram-se num só. Deste modo, os itens destes fatores parecem representar apenas a rejeição da experiência emocional negativa, ao invés de dois estilos parentais distintos (Paterson et al., 2012). Além disto, Gottman e Declaire (1997) pressupõem que estes dois estilos parentais têm as mesmas consequências nos filhos, o que se verificou no estudo de Hakim-Larson et al. (2006). O estilo parental laissez-faire não se manteve na versão da PSST e nenhum dos itens que o constituíam foi retido. De facto, é possível verificar que nos diversos estudos acerca das propriedades psicométricas da escala (Hakim-Larson et al., 2006; Lee, 1999) este fator apresentava os valores de consistência interna mais baixos. Assim, os itens que compõem os estilos explorador e aceitador na versão portuguesa da PSST provêm apenas do fator da escala original treinador de emoções. Não obstante, é de realçar que o conteúdo dos mesmos não parece refletir claramente as verdadeiras características de pais treinadores de emoções, tal como Gottman e Declaire (1997) os conceptualizaram. Os itens não têm presentes as características de um estilo parental treinador de emoções que além de aceitar, também empatiza e valida emoções, e ensina a identificá-las e a regulá-las. A par disto, verificou-se ainda que em nenhuma versão da PSST existem itens sobre outras emoções negativas para além da tristeza e da raiva que também constam do reportório emocional dos filhos e às quais os pais também respondem, como a ansiedade e a frustração.

A PSST, construída sobre o modelo teórico das filosofias meta-emocionais, apresenta-se como uma mais-valia para os contextos de avaliação, de prevenção e de intervenção com pais de filhos na adolescência, etapa desenvolvimental para a qual não parecem existir muitas investigações que estudem o papel dos estilos parentais na regulação das emoções nos adolescentes. Deste modo, o presente investigação constitui um passo inicial no estudo e na adaptação das propriedades psicométricas da PSST numa amostra da população portuguesa, que acrescenta dados aos já existentes e que propõe sobre futuras linhas de investigação.

CONCLUSÕES

Este estudo investigou a dimensionalidade da PSST– Versão Portuguesa, um instrumento de avaliação dos estilos parentais relacionados com as emoções. Na amostra portuguesa a escala revelou três fatores (estilos parentais desaprovador, explorador e aceitador de emoções), pelos quais se distribuem 48 itens. No geral a escala apresentou bons valores de consistência interna (estilos parentais reprovador: $\alpha = .87$, explorador: $\alpha = .85$, aceitador: $\alpha = .71$).

Apresentam-se, em seguida, as limitações deste estudo e orientações para investigações futuras. Uma potencial limitação decorre da predominância de pais do género feminino, pelo que em estudos posteriores seria importante ter amostras mais equilibradas. Por outro lado, o tamanho da amostra do presente estudo encontra-se dentro dos critérios estabelecidos para fazer um estudo psicométrico, em comparação com outras investigações (Hakim-Larson et al., 2006; Lee, 1999; Paterson et al., 2012) que apresentavam amostras mais pequenas. A validade convergente e divergente desta versão da PSST não foi analisada, devendo também ser estudada em investigações futuras. Do mesmo modo, seria importante estudar a estabilidade temporal e realizar uma análise confirmatória da estrutura obtida. Tendo em consideração a ausência de um fator que traduza o estilo parental treinador de emoções, como foi proposto por Gottman e Declaire (1997), poderia ser interessante desenvolver itens que o representassem distintamente e também incluir itens acerca de outras emoções, de modo a analisar o estilo de socialização que os pais apresentam perante as mesmas. A inclusão destes itens permitiria fazer uma análise mais acurada sobre a forma como os pais poderão lidar diferencialmente com várias emoções. Também seria importante estudar outras versões da escala, nomeadamente a ERPSST-L, de modo a encontrar a estrutura de resposta (tipo Likert ou dicotómica) que melhor se adegue à população portuguesa.

CONFLITO DE INTERESSES

Os autores declaram não ter nenhum conflito de interesses relativamente ao presente artigo.

AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de agradecer a todos os participantes que permitiram a concretização deste estudo e à Fundação Realan (USA) que contribuiu para o seu financiamento. Inicialmente esta investigação foi fundada pela FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no contexto do projeto “Prevenção da depressão em adolescentes Portugueses: estudo da eficácia de uma intervenção com adolescentes e pais” (PTDC/MHC-PCL/4824/2012).

REFERÊNCIAS

- Fabes, R. A., Poulin, R. E., Eisenberg, N., & Madden-Derdich, D. A. (2002). The Coping with Children’s Negative Emotions Scale (CCNES): Psychometric properties and relations with children’s emotional competence. *Marriage & Family Review*, 34(3-4), 285-310. doi:10.1300/J002v34n03_05
- Field, A. P. (2009). *Discovering statistics using SPSS* (3rd ed.). London, England: Sage Publications, Inc.
- Gottman, J. M., & Declaire, J. (1997). *The heart of parenting: How to raise an emotionally intelligent child*. New York, NY: Simon & Schuster.
- Gottman, J. M., Katz, L. F., & Hooven, C. (1996). Parental meta-emotion philosophy and the emotional life of families: theoretical models and preliminary data. *Journal of Family Psychology*, 10(3), 243-268. doi:10.1037/0893-3200.10.3.243
- Gupta, D. (2012). *Cultural differences in maternal emotion socialization of anxiety and anger in young children: Links with temperament* (Doctoral dissertation). Retrieved from http://digilib.gmu.edu/xmlui/bitstream/handle/1920/8093/Gupta_gmu_0883E_10218.pdf?sequence=1
- Hakim-Larson, J., Parker, A., Lee, C., Goodwin, J., & Voelker, S. (2006). Measuring parental meta-emotion: psychometric properties of the emotion-related parenting styles self-test. *Early Education & Development*, 17(2), 229-251. doi: 10.1207/s15566935eed1702_2
- Katz, L. F., & Hunter, E. C. (2007). Maternal meta-emotion philosophy and adolescent depressive symptomatology. *Social Development*, 16(2), 343-360. doi: 10.1111/j.1467-9507.2007.00388.x
- Katz, L. F., Maliken, A. C., & Stettler, N. M. (2012). Parental meta-emotion philosophy: a review of research and theoretical framework. *Child Development Perspectives*, 6(4), 417-422. doi:10.1111/j.1750-8606.2012.00244.x
- Katz, L. F., & Windecker-Nelson, B. (2004). Parental meta-emotion philosophy in families with conduct-problem children: links with peer relations. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 32(4), 385-398. doi: 10.1023/b:jacp.0000030292.36168.30
- Katz, L. F., & Windecker-Nelson, B. (2006). Domestic violence, emotion coaching, and child adjustment. *Journal of Family Psychology*, 20(1), 56-67. doi:10.1037/0893-3200.20.1.56
- Klimes-Dougan, B., Brand, A. E., Zahn-Waxler, C., Usher, B., Hastings, P. D., Kendziora, K., & Garside, R. B. (2007). Parental emotion socialization in adolescence: differences in sex, age and problem status. *Social Development*, 16(2), 326-342. doi:10.1111/j.1467-9507.2007.00387.x
- Lagace-Seguin, D. G., & Coplan, R. J. (2005). Maternal emotional styles and child social adjustment: Assessment, correlates, outcomes and goodness of fit in early childhood. *Social Development*, 14(4), 613-636. doi:10.1111/j.1467-9507.2005.00320.x
- Lee, C. H. (1999). *The parenting styles self-test: reliability and construct validity* (Master's thesis, University of Windsor, Ontario, Canada). Retrieved from <http://scholar.uwindsor.ca/etd/4142/>
- Linehan, M. M., Paul, E., & Egan, K. J. (1983). The parent affect test: Development, validity, and reliability. *Journal of Clinical Child Psychology*, 12(2), 161-166. doi:10.1080/15374418309533125
- Marôco, J. (2010). *Análise de equações estruturais: Fundamentos teóricos, software & aplicações*. Sintra, Portugal: Report Number.
- Osborne, J. W., Costello, A. B., & Kellow, J. T. (n.d.). Best practices in exploratory factor analysis. *Best Practices in Quantitative Methods*, 86-99. doi:10.4135/9781412995627.d8

- Paterson, A. D., Babb, K. A., Camodeca, A., Goodwin, J., Hakim-Larson, J., Voelker, S., & Gragg, M. (2012). Emotion-related parenting styles (ERPS): a short form for measuring parental meta-emotion philosophy. *Early Education & Development*, 23(4), 583-602. doi:10.1080/10409289.2011.569316
- Pestana, M. H. & Gageiro, J. N. (2005). *Análise de dados para ciências sociais: A complementaridade do SPSS* (4th ed.). Lisboa: Edições Sílabo.
- Shortt, J. W., Stoolmiller, M., Smith-Shine, J. N., Mark Eddy, J., & Sheeber, L. (2010). Maternal emotion coaching, adolescent anger regulation, and siblings' externalizing symptoms. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 51(7), 799-808. doi:10.1111/j.1469-7610.2009.02207.x
- Streiner, D. L., & Norman, G. R. (2003). *Health measurement scales: A practical guide to their development and use*. Oxford: Oxford University Press.
- Stocker, C. M., Richmond, M. K., Rhoades, G. K., & Kiang, L. (2007). Family emotional processes and adolescents' adjustment. *Social Development*, 16(2), 310-325. doi:10.1111/j.1467-9507.2007.00386.x
- Tabachnick, B. G., & Fidell, L. S. (2007). *Using multivariate statistics*. Boston: Pearson/Allyn & Bacon.
- Tabachnick, B. G., & Fidell, L. S. (2013). *Using multivariate statistics* (6th ed.). NJ: Pearson Education.
- Yong, A. G., & Pearce, S. (2013). A beginner's guide to factor analysis: focusing on exploratory factor analysis. *Tutorials in Quantitative Methods for Psychology*, 9(2), 79-94. doi:10.20982/tqmp.09.2.p079